



Crianças de Ceilândia brincam num campo perto da Administração: as poucas que ainda têm estímulo para praticar o esporte, apesar da falta de apoio

Nem futebol de várzea resistiu ao abandono

O interesse pelo futebol tem diminuído entre os jovens de Ceilândia, cidade que mais oferece internos para o Caje

Luiz Roberto Fernandes
Da equipe do **Correio**

Chuteira surrada, meião preto, calção, colete de treino e um objetivo na cabeça. Lá está Daniel Mendonça da Silva, 16 anos, treinando em um campo de barro próximo ao Fórum da Ceilândia, pronto para partir para a Bahia onde tentará ingressar em um grande clube do futebol brasileiro, o Vitória. Já fez teste e passou. "Agora é o segundo estágio. Vou passar uma curta temporada lá, se gostarem do meu futebol, fico de vez", conta.

Daniel é atacante do Leão Dourado, clube de várzea da cidade. Mora em uma casa no setor QNQ da Ceilândia com a mãe e quatro irmãos. Pega ônibus para ir à escola, almoça na casa da avó e vai aos treinos à tarde. Quando chega em casa está cansado, assiste televisão e dorme. Nos treinos extras lá está ele. Não perde um.

Na vida de Daniel não sobra tempo para usar drogas ou armas na cidade que fornece o maior número de jovens criminosos para o Centro de Atendimento Juvenil Espe-

cializado (Caje), detentora do maior número de menores em liberdade assistida pela Justiça e onde grande parte dos autores e vítimas dos crimes que transformam Ceilândia no grande pólo de criminalidade do DF são as próprias crianças e adolescentes.

Segundo a diretora do Caje, Maria da Glória Sabino, dos 302 jovens internados na instituição, até a última sexta-feira, cerca de 80 são de Ceilândia. O número de menores de Ceilândia em liberdade assistida pela Justiça também é o maior do Distrito Federal. "Segundo informações que obtive, 300 menores de Ceilândia estão em liberdade assistida", afirma Glória.

Assim como Daniel, mais de cem meninos treinam regularmente nos dois campos de barro localizados no centro da Ceilândia, entre o Fórum e a administração da cidade. Eles pagam apenas R\$ 5,00 pela matrícula. Esse número não quer dizer muita coisa se for levado em consideração que Ceilândia, a cidade mais populosa do Distrito Federal com 350 mil habitantes, possui mais de 40 mil jovens entre 10 e 19 anos.

"Temos notado que de um tempo para cá o interesse dos jovens em entrar em um dos times da cidade tem diminuído", lamenta Nildo Arcanjo, técnico do Madureira, uma das duas escolinhas de futebol que funcionam no local.

Para Francisco Pereira de Lima, coordenador de cinco escolinhas na cidade, entre elas a Leão Dourado e a Madureira, o motivo para o pouco interesse dos jovens é a falta de apoio. "O garoto chega aqui e não tem nem uniforme para treinar ou para jogar. Tem que pedir para outro jogador. Isso desmotiva o garoto que fica com vergonha e não vem mais treinar", diz Francisco. "Para conseguir um vestiário com a administração foi uma luta. Não temos apoio nenhum", comenta.

As bolas estão desgastadas devido ao atrito nos campos de barro. Os campos ficam a poucos metros de avenidas. Os treinadores calculam que existem cerca de cem campos de barro espalhados por Ceilândia, mas muito poucos de grama. "Os campos de grama que existem são muito disputados ou cobram um aluguel muito caro", afirma Francisco. "Pedimos recentemente que a administração nos cedesse a área que fica ao lado do Fórum, mas eles falaram que pertencia ao Fórum. Fomos ao Fórum e eles liberaram a área, mas a administração inventou outra desculpa

para não ceder o terreno", conta.

"Não faltam espaço e investimento apenas para campos de futebol. Não temos cinema, teatro, auditório, parque e nem muita esperança de ter isso por causa da falta de espaço e vontade de investir em lazer e cultura para a cidade", protesta Francisco.

Segundo levantamento recente da Administração de Ceilândia, das 49 quadras poliesportivas da cidade, 16 estão em estado precário precisando de reformas gerais, outras 17 estão em mau estado com traves, piso, iluminação, pintura, alambrado e outras partes precisando ser recuperadas. As outras 16 estão em bom estado.

"Pretendemos recuperar essas quadras e colocá-las sob a responsabilidade da população que é a maior beneficiada. Os moradores das quadras residenciais próximas às quadras poliesportivas teriam a responsabilidade de zelar por elas", afirma o administrador Eduardo Gomes.

Se depender dos recursos aplicados em esporte pela administração em 1999, Ceilândia vai continuar sem oferecer muito a suas crianças e adolescentes. A previsão do orçamento destinada a área neste para este ano é de R\$ 18 mil. "Isso é só uma previsão que vai depender da entrada de recursos. Pode ser que o investimento seja menor", diz Eduardo.